



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT- 9 – Museu, Patrimônio e Informação

MÍDIA E MUSEU: PERCURSOS DISCURSIVOS NAS APROXIMAÇÕES DE UMA EXPOSIÇÃO

MEDIA AND MUSEUM: DISCURSIVE PATHS IN THE APPROACH OF AN EXHIBITION

Susana Taulé Piñol. IFC. UNIRIO.

Luisa Maria Rocha. UNIRIO

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Qualquer aproximação altera a percepção pela perspectiva do próprio observador, o estético é também constitutivo e construído na relação com a alteridade. Neste estudo de caso, é possível perceber as distintas aproximações da mídia e os percursos discursivos que se estabelecem na divulgação da reabertura de uma exposição museológica voltada a um público potencial: o turista. Este, em sua singularidade, nesta aproximação tece outras interpretações, de modo que a exposição surge para cada um dos autores em diferentes tonalidades. Neste sentido, aplicando o método de pesquisa qualitativa observacional, este artigo apresenta análises de aproximações e enunciações proferidas por pessoas de fora do museu, especificamente, da mídia que nos preâmbulos da reabertura de uma exposição museológica direciona seus esforços comunicativos a turistas em potencial. Os resultados enfatizam museus como processos e apontam que há configurações tonalizadas por uma miríade de vozes em constante movimento que transbordam as paredes do museu produzindo um efeito caleidoscópico.

Palavras-Chave: Meios de comunicação. Dialogismo. Bakhtin.

Abstract: *Any approximation alters the perception from the perspective of the observer himself, the aesthetic is also constitutive and constructed in the relationship with otherness. In this case study, it is possible to perceive the different approaches of the media and the discursive paths that are established in the dissemination of the reopening of a museum exhibition aimed at a potential audience: the tourist. This one, in its singularity, in this approach weaves other interpretations, so that the exhibition appears for each of the authors in different tonalities. In this sense, applying the qualitative observational research method, this article presents analyzes of approximations and statements made by people outside the museum, specifically, by the media that, in the preambles of the reopening of a museum exhibition, directs their communicative efforts to potential tourists. The results emphasize museums as processes and point out that there are configurations toned by a myriad of voices in constant movement that overflow the walls of the museum producing a kaleidoscopic effect.*

Keywords: *Means of communication. Dialogism. Bakhtin.*

1 INTRODUÇÃO

A curiosidade, a vontade de aprender e de compreender e a experiência individual em uma nova circunstância são fatores motivadores de visitas em museus. Nos bastidores, para



atender a missão que lhe é peculiar, cada museu, em seu quadro de colaboradores, conta com profissionais formados em diferentes áreas do conhecimento imbuídos em pesquisar, preservar e comunicar. Contudo, é no movimento de preparar exposições que o museu direciona-se para passar a palavra ao outro. Os museus enunciam, sobremaneira, por meio de exposições.

As exposições são o principal meio de comunicação dos museus com os seus públicos. Sua história se confunde com a história das próprias instituições museais, pois, em grande medida, as transformações ocorridas no papel e na atuação dos museus influenciaram o modo de pensar e realizar exposições. Com o passar do tempo, o sentido e a forma de organização das exposições se modificaram. Das tradicionais exposições transmissoras de conteúdos, caminhou-se para um paradigma que reconhece que a comunicação se dá em via de mão dupla e que as exposições devem mobilizar não apenas a cognição, mas também a emoção e os sentidos dos visitantes (FRANCO, 2018, p. 10).

Um visitante olhando parte de um acervo captura ângulos e tece interpretações distintas de outro visitante. O próprio visitante pode olhar o mesmo acervo de formas diferentes a cada novo ângulo, comentário, lembrança... Sobre o que é exibido há infinitas possibilidades de recepção. Como esclarece Franco Avellaneda (2013, p. 59), “não existe uma única mensagem nos aparelhos interativos; existem várias mensagens pela quantidade de atores envolvidos”. Nas considerações de Gouvêa (2007), nem o visitante desconsidera o que está em um museu e nem realiza uma leitura qualquer. Quando já aberta ao público, a exposição continua ganhando novos acentos daqueles que dela se aproximam pela primeira vez, segunda ou enésima vez. Orientado para o objeto, o discurso surge como seu prolongamento, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. Ele penetra neste meio “dialogicamente perturbado e tenso de discursos de *outrem*, de julgamentos e de entonações” (BAKHTIN, 2014, p. 86).

Em uma proposital repetição da citação bakhtiniana: “o enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes” (BAKHTIN, 2014, p. 86). Os registros tomados por meios audiovisuais e fotográficos, disponibilizados, ou não, em tempo real pelos sujeitos visitantes imersos em suas intencionalidades, também são formas de acesso ao museu, assim como os vídeos gravados da exposição publicados em redes sociais. Essas enunciações singulares que se estendem além muros em tempo e espaço flexíveis, tal como as visitas virtuais, caracterizam-se por uma sobreposição entre gênero e enunciado apresentando



determinadas peculiaridades que variam conforme o dispositivo adotado. Consistem em enunciações vindas de um passado, proferidas e capturadas por sujeitos segundo seus destinatários e gêneros discursivos e acessadas nessa ou em outras épocas, nesse ou em outros espaços, com esse ou com outros dispositivos.

Em razão da área museológica, no que diz respeito às suas reflexões e práticas entrelaçarem-se a outras disciplinas, este estudo centra-se na comunicação de exposições museológicas que extravasam as paredes institucionais. Logo apresenta-se como objetivo geral: verificar os percursos discursivos da mídia nas circunstâncias de reabertura de uma exposição museológica.

2 DESENVOLVIMENTO

Idealizada pelo modelista e artesão Conny Baumgart e apresentada no Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras em São Francisco do Sul, município próximo de Joinville, no litoral norte de Santa Catarina, a exposição intitulada Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul oferta um convite ao diálogo não necessariamente face a face entre os turistas e os moradores desta época e os autóctones de uma outra época representando suas vivências naquele mesmo território. Os elementos da ideia dessa obra apresentada pelos autores marcam pelo estilo uma visão de mundo: o reencontro com um passado nostálgico idealizado na cidade em miniatura que não podia conviver com a eletricidade, iluminada, portanto, por velas e lampiões.

Esta marca jacente na obra cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras. Esse período representado na exposição, as décadas de 1930 a 1940, retrata o auge econômico da Baía Babitonga, quando no Centro Histórico residia, nas palavras de Assis (2016), quem tinha poder, quem era rico. Na decadência da economia da cidade, com a transferência das movimentações portuárias para outros locais em função dos produtos comercializados, essa pujança mingou. O que, de certa forma, foi positivo para as edificações coloniais, pois ficaram estagnadas, não foram derrubadas nem substituídas por construções mais modernas.

Visitas aos museus nos fazem viajar, recordar, saímos de nosso tempo. O ato de ingressar em um museu por si só já provoca a sensação de um descobrir por vir que nos desafia a dialogar com o outro. Como cada peça do museu foi inserida, os espaços em branco, o local dos bancos, a iluminação, os sons, as texturas, as cores, as escritas, em suma, o *design*



expositivo materializa e revela parte da alteridade. Como relatam Stuart e Valente (2006, p. 106): “quando um visitante entra em uma exposição, existe uma estrutura de comunicação, um determinado saber que está de alguma forma colocado ali pelos idealizadores que pensaram em um tema e no processo comunicativo”. Neste contato com o texto escrito, com o objeto, com a imagem, o visitante que se aproxima da exposição é o observador que se situa no exterior, no grande diálogo, lugar e tempo.

Por mais incríveis que sejam, os bens culturais ainda vão precisar de narrativas para acessar as memórias dos objetos. Assim explana Gonçalves (2018, p. 93): “tais narrativas para que nos afetem, precisam superar os atributos físicos do bem e ativar memórias conectadas à vivência das pessoas”. Além do espaço central ocupado pelo diorama, principal foco de atenção no *design* expositivo, a Maquete conta com quadros em aquarela e painéis contendo textos e imagens técnicas. A posição dos painéis é um preparo ao encantamento antes da visualização do diorama propiciada pela redoma de vidro (Figura 1). Encantamento, conforme entende Greenblatt (1991, p. 250), refere-se ao “poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada”.

Figura 1 - Redoma de vidro e a maquete.



Fonte: Extraído de Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras (2020).

A dimensão da Maquete iluminada oferece um contraste da representação do Centro Histórico incrustado entre as representações dos morros cobertos pelos diversos tons de verde da vegetação e das ondulações da Baía Babitonga acentuada pelo azul das nervuras



minuciosamente produzidas. Após esta primeira impressão visual, os detalhes dos dioramas e das edificações manifestam-se no campo visual quando o visitante avizinha-se e estabelece seus ângulos de observação. A Maquete, sobremaneira vista no espaço do museu, surpreende pelas dimensões e pelos pequeníssimos detalhes, que levaram horas de mão de obra para serem feitos na precisão das escalas destacada em vários enunciados coletados ao longo do processo de pesquisa. Visualizando cada pormenor percebido em pequenos centímetros cúbicos: o pescador tarrafeando, a quermesse em volta da igreja, as conversas de rua, o desafio da iluminação naquela época e na sua representação de agora... há uma infinidade de outras histórias a serem contadas. Tais histórias de quem viveu e recorda daquela época, embora escapem da autoria, por assim dizer, oficial, ganham contornos e até inventividades mediados pela exposição.

2.1 Objetivos e metodologia

Como a atividade humana e social traz consigo a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador e, visto que de imediato, percebe-se, no contexto desta pesquisa, a presença tanto dos sujeitos pesquisados como do pesquisador com suas intencionalidades e seus valores, este estudo, como sugere Laperrière (2014), apoia-se nos preceitos da pesquisa qualitativa.

De acordo com a sugestão de Cândido (2019), esta pesquisa é adjetivada e aplicada sendo uma pesquisa museológica no âmbito da comunicação com maior inclinação às ações de educação cultural que à expografia propriamente dita. Metodologicamente este estudo apoia-se em dados históricos e qualitativos; sem abrir mão de uma postura reflexiva. Em pesquisas qualitativas, explica Pires (2014), objetividade não é sinônimo de neutralidade ou de desinteresse. Estar vinculado ou interessado, isto é, não ser neutro, não implica pôr-se a reboque do grupo ou aceitar tudo a partir de algumas de suas parcialidades. Além disso, não se deve abster da evidência que presença do pesquisador no campo desencadeia determinado tipo de produção de linguagem.

Conforme relatos de Deslauries e Kérist (2014), o objeto da pesquisa qualitativa se constrói progressivamente, em ligação com o campo, a partir dos dados coletados e com sua análise, não excluindo a revisão bibliográfica. Porém, apenas o contato com o campo não basta para caracterizar a pesquisa qualitativa; esta enfatiza o campo, não apenas como reservatório de dados, mas como fonte de novas questões. A coleta de dados, diante da base



empírica, apoiou-se ora em fontes escritas ora em fontes orais, trazendo, segundo Merlo (2010), para dentro do universo científico um discurso sensível à pluralidade das realidades e dos atos. No tocante à coleta de dados, as designações da população de coleta de dados e por período observado são, portanto:

1. Referente à exibição da exposição: acontecimentos enunciativos verificados em registros escritos, audiovisuais e imagens acessíveis ao público no espaço expositivo desde a data de sua reabertura, em 13 de novembro de 2019, até o encerramento da coleta no espaço museológico;

2. Referente a um aprofundamento na repercussão do acontecimento de sua reabertura: acontecimentos enunciativos verificados em registros, externos ao espaço museológico, escritos, audiovisuais proferidos a partir de 13 de novembro de 2019 até o fechamento desta análise em 12 de novembro de 2020, acessíveis ao público via veículos da mídia cujo tema abordado é a exposição Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul.

Textos, imagens, sons, áudio gravações, dioramas, esquetes, dispositivos multimídia e acervos, cada qual são construídos por sujeitos (e suas posições enunciativas) em uma perspectiva sócio-histórica com determinadas finalidades que não coadunam em um mesmo espaço-tempo. Ainda assim, são posicionados em espaços e tempos específicos nas exposições e sob determinados acentos, em um processo combinatório de misturas, buscando ofertar interpretações sob determinado tema. Por outro lado, há a aproximação de outros sujeitos que sob a lente de suas posições enunciativas, em um determinado momento singular e irrepitível, tecem as suas interpretações concernentes à exposição; melhor dizendo, da escuta desses outros de quem se avizinham mediados pela exposição. A museália medeia e se modifica no discurso; não há uma única leitura, uma única compreensão. Os textos são infinitamente criados pelo leitor em suas reflexões e refrações ao longo do processo de leitura.

Pelo método de observação documental procedeu-se à análise de registro de documentos escritos já publicados; registros de observações do cenário oriundos do contato com o espaço museológico; registros de transcrições de entrevistas exploratórias, bem como registros anotados no diário de campo. Amorim (2002), sobre a questão do texto, assume o texto como lugar de produção e de circulação de conhecimentos. Nessa trajetória, a autora interroga o texto no que diz respeito à relação entre o pesquisador e seus outros, e por



assumir que, polifonicamente, uma multiplicidade de vozes pode ser ouvida no mesmo lugar, constitui um sistema de categorias de análise para identificar quais são as vozes que se deixam escutar no texto, em que lugares é possível escutá-las e quais são as vozes ausentes. O que é posto em cena no texto, além de uma questão epistemológica, contém questões ético-políticas (AMORIM, 2002, p. 9).

Em relação aos procedimentos de amostragem, este estudo pautou-se na coleta de dados em arquivos públicos e em entrevistas com sujeitos envolvidos no contexto de formação e consolidação do museu e da exposição sendo amostragem não probabilística por julgamento. A análise de comentários entre e sobre autores e atores, percebidos em documentos revelou convergências, confrontos, concordâncias, afastamentos, trabalhos conjuntos, entre outros.

2 O percurso discursivo das mídias

A análise preliminar em relação à repercussão do acontecimento de reabertura da Maquete apontou que na semana do referido evento, especialmente, nos dias seguintes a data de 13 de novembro de 2019, houve a concentração de enunciações oriundas de jornalistas e cinegrafistas tanto de veículos de comunicação locais como de assessorias de comunicação de instituições cujos representantes foram convidados para um evento de reabertura fechado ao público. A intencionalidade predominante de tais acontecimentos residia em registrar e propagar a reabertura da exposição, cada qual com suas peculiaridades.

Em um desdobramento do gênero adotado pelos profissionais da comunicação, tanto em textos como em imagens registradas durante o evento de reabertura, evidenciou-se um movimento de aproximação intencional de representantes de outras instituições como se quisessem dizer aos seus interlocutores: “eu, representando tal instituição, estive presente”. O registro da fotografia sob determinado ângulo, a seleção de quais fotos acompanhariam a matéria jornalística, a posição das fotos no texto são decisões que vão delineando o propósito da comunicação.

O embricamento dessas enunciações ao gênero jornalístico trouxe tonalidades aproximando a exposição tanto de aspectos históricos como de aspectos turísticos. O saber, o conhecimento apresentado em uma exposição, quando veiculado por essa mídia, relatam Studart e Valente (2006, p. 112), “sofre uma série de adaptações que vão interferindo na



abordagem do conhecimento de forma a facilitar sua apresentação. O conhecimento será, portanto, apresentado de uma outra maneira da inicial”.

Quadro 1 - Síntese comparativa de matérias jornalísticas replicadas.

Autoria e localização do texto	Manchete	Data	Veículo	Destinatários
Notícia escrita supostamente por quem trabalha na assessoria de comunicação da Secretaria de Turismo de São Francisco do Sul (autoria não nominada). A matéria tem como objetivo divulgar a exposição e o museu, em especial a reabertura, visto que foi escrito em um dia após este evento. Como discurso alheio com solidez escultural estão os de Márcio Rosa e de Rangel Friolin, Diretor-Presidente de Fundação Cultural Ilha de São Francisco do Sul.	Museu Nacional do Mar: inaugurada a maquete que reproduz o Centro Histórico	14/11/2019	<i>Website</i> da Secretaria de Turismo de São Francisco do Sul	Suposto: Guia de turismo e futuros turistas; Real: Políticos, assessorias de imprensa e representantes de instituições, pesquisadores guias de turismo e turistas.
	Com patrocínio da AcelorMittal: maquete histórica de São Francisco do Sul é inaugurada	1ª. Quinzena Novembro/2019	Jornal impresso e <i>Online</i> Nossa Ilha	Suposto: Comunidade de São Francisco do Sul; Real: Comunidade de São Francisco do Sul com o hábito de ler este jornal, patrocinadores do jornal e demais pessoas citadas nesta edição.
	Maquete gigante do Centro Histórico de São Francisco do Sul ficará exposta no Museu Nacional do Mar	Sem precisão de data	Jornal <i>Online</i> Aconteceu em Joinville	Suposto: Comunidade que acessa e lê o site Aconteceu em Joinville sendo potenciais visitantes da região; Real: Comunidade que acessa o site Aconteceu em Joinville sendo potenciais visitantes da região.
	Inaugurada maquete que reproduz o centro histórico no Museu Nacional do Mar	12/11/2019	<i>Website</i> institucional da Prefeitura de São Francisco do Sul	Suposto: Municípios e servidores; Real: Políticos, assessorias de imprensa e representantes de instituições, pesquisadores, municípios que acessam o <i>site</i> e servidores da prefeitura.

Fonte: Elaborado pelo(a) pesquisador(a).

O envolvimento de profissionais da área de comunicação imprimiu, nas enunciações, tal gênero discursivo com indícios de matérias baseadas em um mesmo *relise* institucional que destaca as dimensões da Maquete, o tempo de execução, o trabalho coletivo sob a tutela do modelista e artesão naval Conny Baumgart, a coordenação do arquiteto Márcio Rosa e o apoio de parceiros. Replicagens constatadas pela incidência de conteúdos repetidos que alteravam manchetes e imagens de registros fotográficos selecionados para acompanhar a matéria também constaram na coleta de dados, como é possível observar no Quadro 1. Cabe frisar, aparentemente em relação ao que diz Bakhtin,

[...] devemos admitir que qualquer oração, mesmo a mais complexa, no fluxo ilimitado da fala pode repetir-se um número ilimitado de vezes em forma



absolutamente idêntica, mas como enunciado (ou parte do enunciado) nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir: é sempre um novo enunciado (ainda que seja uma citação) (BAKHTIN, 2016, p. 79).

No tocante a vídeo gravações, verificou-se a reprodução do mesmo material em condições e abrangências diferentes. Em reforço, “no âmbito de um mesmo enunciado a oração pode repetir-se (a repetição, a citação de si mesma, o involuntário), mas a cada vez ela é sempre uma nova parte do enunciado, pois mudou de lugar e de função na plenitude do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 79), como no caso da reportagem veiculada que inicia com uma sequência de imagens registradas sob o ângulo de Adriano Mendes que vincula a Baía Babitonga às edificações do Centro Histórico assim definidas pela repórter Kelly Borges: “paredes coloridas que formam um conjunto arquitetônico – um dos maiores do Brasil” (BALANÇO GERAL JOINVILLE, 2019).

Quadro 2 - Síntese comparativa da reprodução de uma matéria vídeo gravada.

Autoria e localização da vídeo gravação	Chamada	Data	Veículo	Destinatários
Após a fala introdutória do jornalista que enfatiza o tempo de duração, a época representada e referencia o IPHAN e “Um” artista plástico e “Outros”, a jornalista vincula o vídeo à série intitulada: Descobrimo São Francisco do Sul em um claro convite para os telespectadores conhecerem a exposição. A vinheta padrão da série traz outras atrações turísticas de São Francisco do Sul, como praias, igreja matriz, centro histórico e embarcações de pesca artesanal. As imagens são de Adriano Mendes e a matéria é de Kelly Borges (quem separa e conduz as enunciações em áudio)	Maquete mostra como era São Francisco do Sul entre 1930 e 1940: Há cerca de 20 anos um artista plástico começou o projeto de uma maquete de São Francisco do Sul. A pedido do IPHAN, ele e outros artesãos, arquitetos, voluntários e historiadores reproduziram a São Chico da época de 1930.	13/12/2019	Balanço Geral Joinville do ND+ Notícias	Suposto: Telespectadores que costumeiramente assistem o telejornal neste horário; Real: Quem assistiu a matéria de abrangência regional.
		13/12/2019	NDTV às 13:04	Suposto: Telespectadores que costumeiramente assistem o telejornal neste horário; Real: Quem assistiu a matéria de abrangência estadual.
		13/12/2019 com 933 visualizações e 38 curtidas em 19/06/2020 às 20:35	Youtube	Suposto: Aqueles que não assistiram ao jornal na televisão, mas acessaram a matéria posteriormente pelo site de notícias; Real: Assessorias de comunicação, anunciantes, patrocinadores, entrevistados, envolvidos com a exposição e as instituições relacionadas além de telespectadores com o hábito de assistir as matérias deste telejornal no Youtube.

Fonte: Elaborado pelo(a) pesquisador(a).

A continuidade da análise (Quadro 2) sinaliza uma breve apresentação da história da cidade e a citação da Maquete como acervo do museu representando o Centro Histórico por



meio de materiais empregados, dentre os quais: plástico e resina. A referência ao trabalho de Conny e a participação de muitas mãos, especialmente da artesã Rosete, são acentuadas pelas palavras de Kelly Borges.

[...] o trabalho que exigiu incalculáveis horas de dedicação do catarinense de Rio do Sul, período de sobra para o amor pelas miniaturas ser enorme. A obra tão grandiosa passou por dificuldades, desacelerou o ritmo e até paralisou por dois anos por falta de recursos, mas também reflete a união de muitas mãos para que ela não fosse abandonada: alunos arquitetos, designers e artesãos como Rosete. Ela acompanhou tudo, do início ao fim (BALANÇO GERAL JOINVILLE, 2019).

A matéria também aborda a saúde de Conny, o tempo que a Maquete ficou parada, a ação do tempo e a retomada dos trabalhos pelo antigo estagiário que esteve com ele lá no começo: Márcio Rosa; e segue enaltecendo o processo, em imagem, mostrando a inclusão da representação de uma edificação no espaço da exposição.

Em um contexto de publicização dos discursos, “a responsabilidade pelo que se diz é ampliada, na medida em que a cena é povoada de muitos outros que não se encontram materialmente presentes, mas que atuam diretamente na forma e no conteúdo do que é dito” (CARVALHO, 2015, p. 133). Nos discursos alheios e entonações proferidos por Andrea de Oliveira, Conny Baumgart e Rosete Menezes, enquanto Andrea priorizou a questão histórica, Conny e Rosete exaltaram o processo de feitura da exposição.

Segundo a posição enunciativa do sujeito e as circunstâncias de concretude do enunciado, determinada interpretação da exposição pode alcançar um número maior de sujeitos no espaço/tempo. Em observação aos destinatários supostos e reais (Quadro 2), é relevante lembrar que um traço essencial do enunciado é seu endereçamento (BAKHTIN, 2016), ao veicular em dias da semana e horários específicos, há ao menos um direcionamento a determinado público telespectador. Entretanto, reitera Bakhtin (2016, p. 51), “só o contato do significado linguístico com a realidade concreta, só o contato da língua com a realidade, contato que se dá no enunciado, gera a centelha da expressão.” Por conseguinte, o contexto em que o sujeito telespectador/internauta depara-se com a veiculação da matéria (sozinho no trabalho, em um almoço familiar, no celular passeando pelo Centro Histórico, represando para outro familiar etc) geram distintas centelhas de expressões e potencializam outras interpretações.

No estabelecimento de elos, na continuidade da cadeia de comunicação discursiva, trechos são selecionados, imagens são postas, manchetes são definidas, mas também, trechos são descartados, imagens são deletadas, informações são postas em segundo plano por



aqueles que avaliam e decidem o que será ou não publicado, em que horário será veiculado, onde, em qual dia da semana e em que espaço do jornal. No caso de vídeo gravações, a inserção de depoimentos de membros da equipe que participaram da elaboração da Maquete propiciou claramente um vínculo aos enunciados antecessores, mas que já não são os mesmos enunciados, até mesmo porque carregam agora um outro endereçamento, neste caso, os visitantes potenciais. A situação particular do enunciado e sua audiência dimensionam os enunciados que sucedem à exposição, ainda que tenham compartilhado um mesmo campo de visão e informações essencialmente idênticas.

As intencionalidades afetam a exposição dos enunciados sobre a exposição antes que outros visitantes dela se aproximem. Isso pode influenciar inclusive aqueles que da exposição tomam ou não conhecimento, em última análise, para quem a exposição passa ou não a existir. A análise de uma segunda vídeo gravação remete a outras leituras sobre a Maquete ao ilustrar, nas imagens de Hilton Maurense, o repórter André Lux como um personagem na janela do Museu Nacional do Mar. Assim como alguns moradores das décadas passadas estão representados pelas mesmas roupas que posaram para as fotografias utilizadas na feitura da exposição em personagens de resina, o repórter, nesta interpretação em alusão, também pode ser visto nas grandes janelas de uma das salas dos armazéns Hoepcke, hoje sala temática do museu que abriga a Maquete. Neste movimento realizado pelo cinegrafista e editado para a matéria, o repórter, que não é repórter, mas um outro personagem qualquer em resina, não perde a vida: mas oferece uma outra interpretação que dá vida à Maquete.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição, após sua reabertura, foi comentada por diferentes veículos midiáticos tanto por emissoras de televisão como por editoriais de jornais da região, tais enunciações permaneceram disponíveis na *World Wide Web* após este período. Estes vínculos, capturados via análise documental, além de destacar os sujeitos Conny Baumgart e Márcio Rosa, põem em destaque o Centro Histórico de São Francisco do Sul, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, as fotos das edificações e os detalhes de seus adornos. O carnaval de rua, as carroças, a Igreja Matriz, o Mercado Público, a Baía Babitonga e os estudantes que auxiliaram na feitura da exposição vigoram nestes veículos; sendo que as praias, a Vila da Glória, o boi de mamão, o pão por deus e a dança do vilão entre outros atrativos voltados ao turismo da região passam a configurar como conexões.



A inserção desses outros nós acontece sempre que um outro sujeito se aproxima e enuncia concretamente a respeito da exposição. Nesse olhar, nesse escutar o outro que ele encontra via vestígios visuais no museu, outras faces diferentes do objeto são mais ou menos clareadas, novos tons, novos acentos e ofuscamentos acontecem. Em outras palavras, é possível dizer: para cada sujeito em sua singularidade existe um acervo. É como se para uma criança fosse um museu, para um jovem fosse outro, para um idoso, outro, para um estudioso, outro; porém é também um museu, no exemplo do Museu Nacional do Mar, para uma criança que vive sua infância perto de pescadores, e outro para uma criança que nunca viu o mar; um museu para um estudioso de engenharia naval e outro para um estudioso de sociologia dedicado à vida ribeirinha. Em um tempo futuro, para esses mesmos exemplos, seriam outras leituras, outras aproximações. O ato (e o sentimento do ato) de cada sujeito se orienta justamente pelo que é condicionado pela unicidade e irrepetibilidade de sua posição enunciativa em determinado tempo e espaço.

Na preparação do *design* expositivo, no uso de recursos e de técnicas de montagem de exposições considerando a elaboração do texto, etiquetas, legendas e, principalmente, divulgação (catálogos, esquetes, projetos de educação museal), há um estilo típico de museus. No contexto extramuros, a criatividade é livre, o controle sobre o que é dito e como é dito reduz. A responsividade amplia-se para outras frentes: a da mídia, a do guia de turismo, a da escola entre outros atores envolvidos.

Para além das paredes do museu, depreende-se nos preâmbulos da análise o direcionamento da mídia aos distintos públicos. A mudança na direção da interação discursiva é condicionada pelo interesse do ouvinte. Ao longo das análises, mais que no conteúdo das matérias, nas manchetes dos jornais e na seleção de imagens que seguiram ao lado do texto nas publicações constata-se tal mudança. Seja na enunciação do colaborador institucional que preparou o *relise*, seja na enunciação veiculada entre aspas (sob sua voz e sua imagem em vídeo gravação) da historiadora, ambas receberam outros acentos ao longo deste percurso em direção ao suposto destinatário.

Toda a exposição tem uma intenção, não é neutra; ela mostra, mas não se limita a mostrar. No estudo desta exposição, em sintonia com as narrativas da mídia, nota-se convergência em torno de uma mesma intenção: convidar os visitantes para um encontro com



os moradores residentes naquele território em uma época passada, como, por assim dizer, uma viagem no tempo mediada pela Maquete.

Sem retirar a importância da preservação do patrimônio, da pesquisa sobre o objeto e do uso da informação fidedigna, é no museu que se busca conhecimento tendo como vestígios de um outro o acervo, e é lá que se sabe da existência de muitas coisas já comentadas que não conhecíamos, coisas que os outros fizeram, coisas que os outros fazem e que agora, via processo de musealização, foram selecionadas para ali estarem em evidência. Contudo, em todo o processo os sujeitos, segundo suas posições enunciativas, escolhem determinados percursos e, por isso, algumas trajetórias são percorridas em detrimento de infinitas outras.

Este estudo empiricamente limita-se às circunstâncias de um caso, evidenciando tanto os acontecimentos enunciativos da exposição em si como aqueles sobre a exposição. No entanto, reforça que experiências são únicas, no entendimento que único não diz respeito ao quantitativo; única é a relação estabelecida entre o eu e o outro. Moradores da localidade, apoiadores, patrocinadores, pessoas emocionalmente ligadas ao acervo, guias de turismo fazem parte das relações dialógicas dos museus e conectam-se aos fios dialógicos do sujeito turístico e de outros a medida que se aproximam de um acervo já comentado. Há sempre uma espessura e uma instabilidade que se deve levar em conta e que remetem à própria espessura e instabilidade do objeto e do saber que o acompanha.

Assim, para cada jornalista, apesar do *relise*, é uma exposição, para cada leitor ou espectador da matéria veiculada será outra, conforme inclusive com quem assiste e quando assiste. Para quem visita a exposição e mora na cidade, na singularidade e irrepetibilidade de sua visita será uma exposição, para quem vem de fora será outra, sendo sempre vista com um novo olhar, ainda que em nada mude, porque o mesmo indivíduo que a observará em um outro tempo já não será mais o mesmo sujeito que olhou da primeira vez, já teve outras vivências, já vem com outros diálogos interiores.

A instituição museológica propicia o encontro com o outro. As relações estabelecidas entre as pessoas durante a experiência da visita, assim como o compartilhamento deste evento existir singular são contextos merecedores de análise em estudos futuros. Da mesma forma, práticas investigativas que busquem entender as expectativas geradas pelas mídias confrontando-as com a percepção do sujeito em sua experiência de visita ajudariam a



repensar ações no âmbito do turismo cultural favorecendo o processo educativo, a curiosidade, a interatividade e, principalmente, a vontade de saber e conhecer mais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 7-19. 2002.

ASSIS, N. **Cidade polifônica**: indícios de memórias outras na paisagem. 2016. 240 p. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Os gêneros discursivos**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BALANÇO GERAL JOINVILLE. **Maquete mostra como era São Francisco do Sul entre 1930 e 1940**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2V38qTpCGI0>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BASINELLO, P. Z. **Uma viagem ao encontro do tempo de alteridade no turismo**: desmembrando horizontes epistemológicos a partir das contribuições de uma filosofia dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin. 2017. 180 p. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio histórico e cultural**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2002.

CÂNDIDO, M. M. D. A pesquisa em museologia ou... por uma pesquisa adjetivada. In: ARAUJO, B. M.; SEGATINI, V. V.; MAGALDO, M.; HEITOR, G. K. M. (org.). **Museologia e suas interfaces críticas**: museu, sociedade e seus patrimônios. Recife: Editora UFPE, 2019.

CARVALHO, C. S. **A escuta de memórias nos labirintos da favela**: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção. 2015. 260 p. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/56962405-A-escuta-de-memorias-nos-labirintos-da-favela-reflexoes-metodologicas-sobre-uma-pesquisa-intervencao.html>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DESLAURIES, J.; KÉRIST, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J.; DESLAURIES, J.; GROULX, X. H.; LAPERRIÉRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

FRANCO, M. I. M. **Planejamento e realização de exposições**. Brasília-DF: IBRAM-MinC, 2018.

FRANCO AVELLANEDA, P. M. **Ensemblar museus de ciências e tecnologias**: compreensões educativas a partir de três estudos de caso. 2013. 300 p. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2013.



GONÇALVES, J. Além da superfície: memórias da dor, materialidade e patrimônio cultural. In: FRAGA, H.; SCHIAVON, C.; GASTAUD, C. (org.). **Patrimônio plural**: práticas e perspectivas investigativas. Porto Alegre: Selbach, 2018.

GOUVÊA, G. O saber em tempo real e em tempo virtual. In: BITTENCOURT, J.; GRANATO, M.; BENCHETRIT, S. F. (org.). **Museus, ciência e tecnologia**, 1. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007.

GREENBLATT, S. O novo historicismo: ressonância e encantamento, **Estudos Históricos**, v.4, n.9, p. 244-261. 1991.

LAPERRIÉRE, A. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, J.; DESLAURIES, J.; GROULX, X. H.; LAPERRIÉRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

MERLO, M. O que faço com meus diários de campo? Inquietações de uma antropóloga no design de moda. In: BEZZO, G.; SILVA, J. **Design, arte, moda e tecnologia**. São Paulo: Rosari/Universidade Anhembi-Morumbi, PUC-Rio e UNESP-Bauru, 2010.

PIRES, A. P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, J.; DESLAURIES, J.; GROULX, X. H.; LAPERRIÉRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SECRETARIA DE TURISMO DE SÃO FRANCISCO DO SUL. **Museu Nacional do Mar inaugura maquete que reproduz o Centro Histórico**. 2019. Disponível em: <http://www.visitesaofranciscodosul.com.br/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

STUDART, D. C.; VALENTE, M. E. Museografia e público. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. (org.). **Discutindo exposições**: conceito, construção e avaliação. MAST Colloquia, 8, p. 22-120. Rio de Janeiro: MAST, 2006.